

Livro de Poemas

Quinhentismo

A Santa Inês - José de Anchieta

Cordeirinha linda, Como folga o povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Cordeirinha santa, De Jesus querida, Vossa santa vida O Diabo espanta. Por isso vos canta Com prazer o povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Nossa culpa escura Fugirá depressa, Pois vossa cabeça Vem com luz tão pura. Vossa formosura Honra é do povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Virginal cabeça, Pela fé cortada, Com vossa chegada Já ninguém pereça; Vinde mui depressa Ajudar o povo, Pois com vossa vinda Lhe dais lume novo. Vós sois cordeirinha De Jesus Feroso; Mas o vosso Esposo Já vos fez Rainha. Também padeirinha Sois do vosso Povo, pois com vossa vinda, Lhe dais trigo novo. Não é de Alentejo Este vosso trigo, Mas Jesus amigo É vosso desejo. Morro, porque vejo Que este nosso povo Não anda faminto Deste trigo novo. Santa Padeirinha, Morta com cutelo, Sem nenhum farejo É vossa farinha Ela é mezinha Com que sara o povo Que com vossa vinda Terá trigo novo...

Literatura da Informação

A carta de Pero Vaz de Caminha

Senhor: Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer. Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu...

Barroco

A Jesus Cristo Nosso Senhor - Gregório de Matos

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, Da vossa alta clemência me despido; Porque, quanto mais tenho delinqüido, Vós tenho a perdoar mais empenhado. Se basta a vos irar tanto pecado, A abrandar-vos sobeja um só gemido: Que a mesma culpa, que vos há ofendido, Vos tem para o perdão lisonjeado. Se uma ovelha perdida e já cobrada Glória tal e prazer tão repentino Vos deu, como afirmais na Sacra História, Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada, Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino, Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Arcadismo

Sonetos - Claudio Manoel da Costa

Para cantar de amor tenros cuidados, Tomo entre vós, ó
montes, o instrumento; Ouvi pois o meu fúnebre lamento; Se é,
que de compaixão sois animados: Já vós vistes, que aos ecos
magoados Do trácio Orfeu parava o mesmo vento; Da lira de
Anfião ao doce acento Se viram os rochedos abalados. Bem sei,
que de outros gênios o Destino, Para cingir de Apolo a verde
rama, Lhes influiu na lira estro divino: O canto, pois, que a minha
voz derrama, Porque ao menos o entoa um peregrino, Se faz
digno entre vós também de fama.

Romantismo

Soneto - Álvares de Azevedo

Pálida, à luz da lâmpada sombria, Sobre o leito de
flores reclinada, Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia! Era a virgem do
mar! Na espuma fria Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada Que em sonhos
se banhava e se esquecia! Era mais bela! O seio
palpitando... Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando... Não te rias de mim,
meu anjo lindo! Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

Realismo

No Alto - Machado de Assis

O poeta chegara ao alto da montanha, E quando ia a
descer a vertente do oeste, Viu uma cousa estranha,
Uma figura má. Então, volvendo o olhar ao subtil, ao
celeste, Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
Num tom medroso e agreste Pergunta o que será.
Como se perde no ar um som festivo e doce, Ou bem
como se fosse Um pensamento vão, Ariel se desfez
sem lhe dar mais resposta. Para descer a encosta O
outro lhe deu a mão.

Naturalismo

Lembranças de Morrer - Aloísio Azevedo

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro, -
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;
Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade - é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.
Só levo uma saudade - é dessas
sombras Que eu sentia velar nas noites
minhas. De ti, ó minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas!
Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme
ainda, É pela virgem que sonhei.
que nunca Aos lábios me encostou
a face linda!

Parnasianismo

A Um Poeta - Olavo Bilac

Longe do estéril turbilhão da rua, Beditino, escreve!
No aconchego Do claustro, no silêncio e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua! Mas que na
forma se disfarce o emprego Do esforço; e a trama
viva se construa De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica, mas sóbria, como um templo grego. Não se
mostre na fábrica o suplício Do mestre. E, natural, o
efeito agrade, Sem lembrar os andaimes do edifício:
Porque a Beleza, gêmea da Verdade, Arte pura, inimiga
do artifício, É a força e a graça na simplicidade.

Simbolismo

Livre - Cruz e Sousa

Livre! Ser livre da matéria escrava, arrancar os
grilhões que nos flagelam e livre penetrar nos Dons
que selam a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.
Livre da humana, da terrestre bava dos corações
daninhos que regelam, quando os nossos sentidos se
rebelam contra a Infâmia bifronte que deprava. Livre!
bem livre para andar mais puro, mais junto à
Natureza e mais seguro do seu Amor, de todas as
justiças. Livre! para sentir a Natureza, para gozar, na
universal Grandeza, Fecundas e arcangélicas
preguiças.

Pré-Modernismo

Versos Íntimos - Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão - esta pantera - Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

Modernismo

O Anel de Vidro - Manuel Bandeira

Aquele pequenino anel que tu me deste, – Ai de mim –
era vidro e logo se quebrou... Assim também o eterno
amor que prometeste, – Eterno! era bem pouco e cedo
se acabou. Frágil penhor que foi do amor que me
tiveste, Símbolo da afeição que o tempo aniquilou, –
Aquele pequenino anel que tu me deste, – Ai de mim –
era vidro e logo se quebrou... Não me turbou, porém, o
despeito que investe Gritando maldições contra aquilo
que amou. De ti conservo no peito a saudade celeste...
Como também guardei o pó que me ficou Daquele
pequenino anel que tu me deste...